

## Acampamento de Inverno para Músicos (nem tão) Talentosos

### Capítulo 01 - O Exílio

A verdade totalmente verdadeira é que eu sei tocar, tipo, três músicas na flauta: La Cucaracha, Yesterday e Amore Scusami. Aparentemente, isso faz de mim uma profissional aos olhos da minha amiga Lila. Acho que isso explicava porque eu estava indo para um mês no exílio com ela.

Por exílio você pode entender Acampamento de Inverno para Músicos Talentosos. Talentosos. Oi?

— Você não está super animada? – Ela perguntou, sentada ao meu lado no ônibus. A definição de animação da minha amiga é tão boa quanto a de aptidão musical.

— Demais – respondi, me lamentando por não ter o poder do tele transporte quando as outras pessoas do ônibus começaram um estúpido joguinho de apresentações.

Encolhi-me atrás do banco para que não me chamassem para a apresentação. Só que isso foi exatamente a minha perdição.

— Você escondida aí atrás do banco, do lado dessa menina com um vestido florido pode ser a primeira a se apresentar, para perder essa vergonha.

— AMANDA, é você! – Lila me puxou para cima.

Que droga.

— Hm, oi – disse meio baixo. – Meu nome é Amanda, tenho 17 anos e acho que toco flauta.

Todos os olhos do ônibus estavam me encarando, inclusive os do próprio monitor, quem me chamou para brincadeira. Ele era bem novo e, mesmo com a distância considerável entre nós dois, eu podia ver que os olhos dele eram azuis. Ele sorriu.

— Acha que toca flauta?

— É. Não sou muito boa, para dizer a verdade.

— É SIM! – Lila se meteu. – Ela é ótima, só é muito humilde.

Mandei um olhar chocado para a minha amiga, antes de ouvir o monitor dizer:

— Isso nós vamos ver quando chegarmos lá. Obrigado, Amanda, por se apresentar. Escolha alguém para ser a próxima vítima.

— *Eu* – Lila sussurrou do meu lado, então eu apenas aponte para ela, enquanto me escondia de volta atrás do banco.

Não estava muito feliz quando o ônibus finalmente parou no nosso destino. Só piorou quando eu puxei a cortininha para dar uma olhada onde eu ia ficar nas próximas semanas.

— Olha, Amanda! – Minha amiga praticamente colou no vidro. – Que coisa MAIS LINDA!

O conceito de “coisa mais linda” de Lila também não era lá uma maravilha. Porque aquele prédio capenga e possivelmente cheio de fungos e mofo, no centro de um gigantesco quintal de grama alta, estava LONGE de estar dentro do MEU conceito de algo belo.

Para não mencionar que aquilo era no meio do *nada*. Ainda que Teresópolis fosse uma cidade habitável, a sede do acampamento era muito longe do centro. Era muito longe *de tudo*, na verdade. Até da estrada principal.

— VAMOS! – Ela praticamente saltitou pelo corredor do ônibus, com sua mala de mão grande demais esbarrando em todas as pessoas sentadas no lado do corredor.

Suspirei, jogando minha mochila nas costas e seguindo com cuidado para não esbarrar em ninguém. Ainda estava pensando em como raios eu deixei Lila me meter nisso. É claro que quando eu concordei em vir, ela não tinha me dito que o lugar tinha

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

ESSE estado de conservação. Eu devia ter desconfiado. A porcaria do folheto que ela me mostrou prometia muitas atividades por um preço tão baixo! E, além disso, é um acampamento para *músicos*.

Músicos! Em que droga eu estava pensando? Algumas crianças, batendo pouco acima do meu umbigo, estavam fazendo uma grande confusão na grama alta, com flautas, violões e sei lá mais o que. Os olhos de Lila brilhavam, enquanto os meus reviraram.

Sério. Por que eu a deixo me meter nessas furadas?

Para piorar um começo já horrível, minha mala foi uma das últimas a ser retirada o ônibus. Murphy maldito.

Fomos andando pela grama alta e eu fiquei rezando para não pegar nenhum tipo de carrapato até chegarmos ao prédio central. Depois de um pouco de dificuldade para arrastar minha mala escada acima, consegui arrumar um espacinho entre todas as pessoas do nosso ônibus na recepção do prédio.

Um senhor gordinho cumprimentou o monitor do ônibus, lhe dando uma prancheta e um molho de chaves. Eu quis chorar só de pensar em como aquilo ia demorar. Sentei em cima da minha mala com cuidado e assisti o monitor chamar as duplas de cada quarto. Provavelmente não deveria ter ficado prestando tanta atenção nisso, porque aí eu não teria reparado na maneira como ele sorria quando entregava um novo par de chaves ou como ele batia o pé de all stars impaciente quando alguém pedia para trocar de quarto. Nem como ele arrumava o cabelo para tentar tirar a franja que já estava um pouco comprida demais de cima dos olhos azuis ou como ele suspirava de alívio ao ver que a distribuição das chaves estava acabando.

— E por último, Amanda e Lila – ele disse estendendo as últimas chaves para Lila, que já estava impaciente porque ia “se atrasar para o jantar maravilhoso de confraternização”.

Eu, que já estava jogada num sofá da recepção, levantei num pulo e fui tentando arrastar minha mala para perto do elevador macabro que parecia ter mais anos que Matusalém. Como Murphy não tinha me ajudado em momento nenhum do dia, eu continuei com um azar do caramba e o puxador da mala não queria se mover, deixando-a empacada no tapete que, por sua vez, enrugava. Lila estava me gritando do elevador, fazendo o possível para segurar a porta antiga dele aberta. O monitor riu alto antes de se aproximar para tentar me ajudar na minha desgraça.

— Amanda, eu te encontro lá em cima! – eu ouvi Lila gritar, meio frustrada, quando o elevador se revoltou e fechou, me deixando para trás.

— Ótimo. Maravilha – eu disse para mim mesma.

Como nossas cabeças estavam realmente próximas com todas as tentativas de levantar o puxador, o monitor ouviu meus comentários sarcásticos e levantou a cabeça para me dizer:

— Podia ser pior. Você poderia estar monitorando um monte de jovens ensandecidos por um mês.

Eu soltei a mala para encará-lo surpresa. Teria eu ouvido certo? Ele sustentou meu olhar descrente antes de começar a gargalhar. Acabei gargalhando junto.

— É pior – eu respondi. – Eu tenho uma amiga ensandecida que me arrastou para essa droga de acampamento de um mês mesmo que eu só saiba tocar três músicas na flauta!

Nós dois continuamos a rir muito alto, até que o senhor que entregou as chaves para o monitor apareceu e nós dois sossegamos. Ele desistiu de tentar levantar o puxador da minha mala e carregou-a de qualquer maneira para dentro do elevador, enquanto eu arrastei a dele pelo puxador que funcionava.

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

— Acho que não cheguei a me apresentar sem ser naquelas babaquices do ônibus. Não que eu ache que você tenha prestado atenção nelas – o monitor disse, me encarando naquele espaço tão minúsculo que parecia ser o elevador. – Meu nome é Bruno, Amanda.

Eu sorri para ele, parcialmente surpresa por ele ter lembrado meu nome.

— Realmente não prestei atenção – eu respondi. – Assim como não prestei atenção quando você disse qual era o número do meu quarto. Qual era mesmo?

— Vinte e dois – ele disse, sem nem consultar a prancheta. – Exatamente um andar abaixo do meu.

— Eu achei que fossem prédios separados para garotos e garotas – eu disse, encostada contra o canto do elevador.

— Jura que você acha que esses jovens ensandecidos vão tentar algum tipo de estripulia que não envolva flautas?

Ele riu alto de novo e não cheguei a responder nada porque o elevador parou no segundo andar. Ele me ajudou a empurrar minha mala até meu quarto.

— Obrigada – eu disse, batendo na porta do quarto.

— Agradeça-me fazendo companhia no jantar de boas vindas de hoje ou eu juro que vou morrer de tédio – ele respondeu, levantando o puxador de sua mala novamente para voltar para o elevador.

— Se acha isso tão insuportável, porque aceitou trabalhar aqui? – perguntei, esperando que Lila abrisse a porta.

— Preciso do dinheiro – ele disse, dando de ombros. – Não existem muitos estágios remunerados no ramo da música, que é o que eu realmente gosto.

— Você faz música na faculdade?

— Faço – respondeu. – Para desespero da minha mãe.

Eu sorri. Lila abriu a porta no momento em que ele ia voltar a reclamar sobre jovens ensandecidos, então ao invés disso, ele sorriu para ela e perguntou se ela tinha gostado do quarto.

— Amei! – respondeu ela. – Mal posso esperar para conhecer o resto do lugar.

— Sim, claro. É adorável – ele concordou, me mandando um olhar significativo. Eu tive me controlar para não rir. – Até mais tarde para vocês, não esqueça do que me deve, Amanda.

— Tchau! – Lila respondeu.

— Pode deixar – eu respondi, chutando minha mala para dentro do quarto e acenando quando ele entrou no elevador.

Mal havia fechado a porta atrás de mim, Lila estava me encarando com aquele olhar chocado.

— Mas já? – ela disse. – E com o *monitor*?

— Lila, você me deixou para trás no lobby, minha mala quebrou e ele veio me ajudar. SÓ ISSO...

— Sei – ela respondeu, sem acreditar.

— Mas que ele é lindo, ele é – eu dei uma risada e ela revirou os olhos.

— Não importa! Preciso da sua ajuda para escolher minha roupa para o jantar de boas-vindas – disse ela.

— Qual é o problema com sua roupa atual? – perguntei, sem entender. Ela estava usando um vestido florido e sandálias fofas, como fazia costumeiramente.

Ela nem se deu ao trabalho de me responder, apenas revirou os olhos e me empurrou na direção de sua cama, onde sua mala estava aberta, revelando seu conteúdo: um monte de vestidos floridos e sandálias fofas.

— Eu estava pensando em usar isso... – ela começou a dizer, enfiando a mão dentro da sua mala, em busca de algum modelito específico.

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

Quando ela tirou a roupa em questão, quase caí para trás. Era um vestido *vermelho, justo e sem a menor sombra de flores*. Eu não estou certa se meu choque se referia ao fato de Lila *possuir e querer usar* um vestido desse ou se era decorrência do fato de aparentemente nós termos sido convidadas para o tapete vermelho do Oscar e não para um simples jantar de boas-vindas.

— Você não acha que é um pouco exagerado? — perguntei tentando ser o mais delicada possível. — Quer dizer, não vão ter festas ou algo assim? Se você usar o vestido no jantar não vai poder usar depois...

— Claro que vão ter festas! — ela respondeu, puxando um panfleto da sua bolsa de mão. Provavelmente um daqueles panfletos que ela ficou esfregando na minha cara por três meses, até eu concordar em vir para cá com ela. — Olha só.

Quando ela me estendeu o panfleto percebi que não era o mesmo. Era uma nova versão, que possui um cronograma de atividades no verso - tanto das aulas quanto das atividades bônus, como as festas. Aparentemente serão *quatro*, uma por semana, normalmente no sábado. Na última semana adiou-se, para que ela seja na terça feira, dia 31 e último dia do acampamento. Logo após o Show Final.

— Show Final? — indaguei, temendo desde já a resposta.

— Sim, a apresentação final — Lila respondeu, sem prestar atenção, ainda procurando pela roupa perfeita. — Vamos apresentar o que nós trabalhamos durante o mês. Pais e amigos estão convidados.

Gemi, pensando na situação. Seria no mínimo cômico para os demais participantes se meus pais resolvessem aparecer. Meu pai provavelmente ficaria na primeira fila, gravando tudo. Minha mãe provavelmente não apareceria, mas se aparecesse, seria no final da apresentação. E ela estaria bêbada, como sempre.

— O que trabalhamos durante o mês? — perguntei de novo, torcendo para que não fosse obrigada apresentar minha aptidão para três músicas na flauta.

— Sim — ela respondeu, levantando o olhar para mim, como se eu estivesse ficando maluca. — Tá tudo aí, Amanda. Olha na página três, lá tem a lista de aulas, com dias e horários.

Sofrendo por antecedência, comecei a girar o folheto em busca da página três. No topo, dizia “cada participante deve se inscrever, *no mínimo*, em duas matérias”. Como assim DUAS MATÉRIAS? Eu só sei tocar *flauta*! E mesmo assim muito mal. Continuei descendo os olhos, lendo em frenesi. As opções de instrumentos, que não a flauta, eram: violão, piano, violino e bateria. As outras opções eram: canto e dança. Continuei lendo, procurando se havia alguma letra miúda que explicava qual era a política de cancelamentos.

Porque eu queria ir embora. O mais rápido *possível*.

— Vamos! — Lila interrompeu meus pensamentos e por um segundo achei que eu tinha pensado em voz alta. No segundo seguinte a realidade me acometeu, pois Lila nunca concordaria em ir embora o mais rápido possível. — Se você não começar a arrumar tudo, não vamos mesmo chegar a tempo para o jantar.

Eu queria dizê-la que não queria chegar a tempo para nada. Na verdade, só queria chegar a tempo de pegar o próximo ônibus de volta para o Rio de Janeiro. Todavia, eu poderia fazer isso na manhã seguinte, né? Não ia frustrar minha melhor amiga dessa forma.

Sorri para ela, pensando que, além disso, eu tinha uma promessa a cumprir.



ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

Para um lugar que parece tão acabado pelo lado de fora, até que o prédio principal, onde ficavam os quartos e o restaurante não era nada mal por dentro. Nosso quarto tinha um banheiro próprio, com água *quente* (o que é uma benção, considerando que Teresópolis em Julho é bem congelante) e acesso ao wi-fi. Já era bem mais do que eu poderia imaginar olhando de dentro do ônibus. O restaurante, por sua vez, era gigantesco e muito moderno. Era realmente gigantesco, pois comportava todos os participantes do acampamento ao mesmo tempo e isto significava, eu estimava, umas duzentas pessoas. Havia um grande buffet ao centro e várias mesas, com capacidade para seis pessoas cada uma.

Ainda assim, quando eu e Lila chegamos, ligeiramente atrasadas, precisamos procurar por um lugar para sentar. Depois de uma incessante busca, achamos dois lugares vagos na mesma mesa. Eram três cadeiras de cada lado da mesa. De um lado, estava sentado um casal. Do outro, dois amigos. As cadeiras vagas eram nas pontas opostas, em diagonal uma para a outra. Teríamos que pedir para os amigos pularem uma cadeira, a fim de liberar duas juntas, uma de frente para a outra. Eu armei meu melhor sorriso e abaixei um pouco para falar com o garoto que precisava pular:

— Oi, licença? Será que você se incomoda de pular para a cadeira do lado? Assim eu e minha amiga podemos sentar juntas.

O garoto me encarou de volta, sem dizer nada. Comecei a ficar incomodada. Será que ele era surdo? Não li nada no folheto que dizia que o acampamento iria receber também pessoas com problemas auditivos (mas também mal li os folhetos, né), mas talvez seja possível. Existem vários estudos sobre problemas auditivos e a música e já é comprovado que grande parte dos deficientes auditivos consegue sentir a batida da música, ainda que não a ouçam.

Eu continuei encarando-o de volta, sem saber o que fazer, quando o colega dele, que estava sentado ao seu lado, percebeu a situação e entrou na conversa. Ou melhor, no monólogo.

— Claro que ele não se incomoda. Eduardo, pula para lá cara.

O garoto, que claramente não era nada de surdo, virou na direção para o amigo e, antes de pular, voltou a me encarar. Lila se apressou para sentar do lado do amigo interventor e eu dei a volta pela mesa, para sentar do outro lado, na sua frente. Ao meu lado, havia um casal entretido que nem mesmo reparou na situação se desenrolando na sua mesa.

— Eu sou a Lila — minha amiga disse, estendendo a mão para o amigo interventor.

— Gustavo — ele respondeu, beijando a mão dela.

Lila começou a rir, em uma possível tentativa de flerte, levando a mão ao peito como uma jovem donzela. Que breguice. Provavelmente minha expressão denunciou o que eu estava pensando sobre aquela situação, porque o amigo surdo-não-surdo começou a rir também, mas por motivos totalmente diferentes da minha amiga. Encarei-o, pedindo com os olhos para que ele mantivesse suas risadas para si mesmo, porque eu não queria ter que explicar para Lila porque eu estava fazendo caretas para sua tentativa de flerte.

Especialmente porque ela parecia ter funcionado. Gustavo e ela entraram em uma grande conversa, da qual eu não entendi grande parte, mas claramente era sobre piano, o instrumento que Lila tocava e, aparentemente, Gustavo também. Olhei para o lado, em busca de companhia para conversar, mas o casal continuava conversando entre si, trocando beijos e abraços como se estivessem sozinhos na mesa.

E depois Bruno acha que não haverá problema algum em misturar homens e mulheres no mesmo prédio-dormitório. Não que exista mais de um prédio dormitório nesse lugar. Eu acho. Eu não faço ideia do que existe nesse lugar.

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

Falando em Bruno, onde estaria ele? O único motivo para eu ter me enfiado nesse vestido preto e descido até esse restaurante era para vê-lo e cumprir minha promessa. E ok, talvez eu estivesse com um *pouquinho* de fome.

Procurei-o pelo salão, mas não o encontrei. Era difícil ver com clareza também, devido a grande quantidade de cabeças sentadas e ainda algumas em pé, procurando lugar para sentar. Talvez ele tenha desistido de vir, ou até mesmo desistido do trabalho, sei lá. Talvez ele tenha ido embora. Sorte dele.

Voltei a atenção para minha mesa, encarando meu garfo e faca, devidamente postos, aguardando o prato com comida. Nada tinha se modificado. Mentira, a única coisa diferente era que Eduardo, o amigo surdo-não-surdo me encarava de novo. Quando percebeu que eu o peguei no flagra, ele estendeu a mão na minha direção, cruzando a mesa inteira, dizendo:

— Eduardo.

— Eu sei — respondi, sem estender a mão de volta.

Ele deu um sorriso de canto de boca e logo nossa atenção foi desviada, pois o senhor da recepção estava batendo com um garfo em uma taça, como se estivesse propondo um brinde. Porém, quando todos se silenciaram, não foi um brinde que ele queria fazer, mas sim um discurso de boas vindas. Lutei com minha vontade de dormir durante todo ele, até o momento no qual ele disse:

— Gostaria de, oficialmente, apresentar nossos monitores Bruno, Leonardo e Karine — vi Bruno aparecer, acenando, perto do senhor, seguido de outras duas pessoas, provavelmente Karine e Leonardo. — Karine é a responsável pelos alunos menores de 13 anos e Leonardo e Bruno pelos maiores. Portanto, se tiverem algum problema, por favor, os procurem.

A verdade é que eu queria procurar Bruno por muitos outros motivos que não meus problemas.

Enfim, o discurso acabou e todos se levantaram em busca do seu jantar. Apesar do grande buffet, mais de 200 pessoas se aglomerando em busca de comida não era algo que eu estava a fim de enfrentar, então permaneci sentada. Gustavo e Lila se levantaram correndo, como se estivesse passando fome há três dias e o casal que estava sentado do meu lado aproveitou o impulso e foi também. Apesar da fome, me mantive inerte. Eu poderia comer depois que a maior parte das pessoas já tivesse se servido. Não queria morrer pisoteada. Lila nem olhou para trás, para ver se eu estava indo também. Correu atrás de Gustavo, rindo desesperadamente.

Só então me dei conta de que estava sozinha com Eduardo na mesa e que isso provavelmente envolvia ter que conversar com ele. Olhei em sua direção e ele, obviamente, já estava olhando na minha. Encaramo-nos por alguns segundos, enquanto eu pensava em algo para dizer. Nada de bom surgiu, mas eu estava desesperada para quebrar o silêncio - e preferencialmente o contato visual - então disse:

— E então, o que você toca?

— Bateria e você?

— Flauta.

— Hum, legal.

Silêncio novamente.

— Por que você não pulou a cadeira quando eu pedi, só quando Gustavo interferiu?

— Indaguei, simplesmente porque não aguentava ter que permanecer em silêncio com ele, sabe lá Deus a razão.

— Você fala muito rápido, não entendi o que você disse — respondeu, dando de ombros.

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO) TALENTOSOS  
CLARA SAVELLI

— Eu não falo muito rápido — defendi-me, irritada. — Você que tem algum problema. Talvez seja meio surdo por causa do barulho da bateria.

— Não sou nem um pouco surdo — ele respondeu, provavelmente também ficando irritado. — E bateria não faz *barulho*, faz *música*.

— Não quando o músico é péssimo. Aí faz *barulho* mesmo.

— Pois é, mas eu sou *ótimo* — defendeu-se.

— Duvido. Aposto que você é péssimo.

— E eu aposto que você desafina na flauta sempre. Aposto que você já quebrou todas as suas janelas.

— Só um copo! E foi só uma vez! — Gritei.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo da minha desafinação. Eu nunca disse que era boa flautista, ora essa. Eu estava prestes a atirar meu garfo em cima dele, mas no momento que eu fechei meus dedos em volta da haste, Bruno se debruçou na mesa, com um prato.

— Oi Amanda — ele disse, sorrindo ternamente. — Trouxe para você.

Atônita, desviei o olhar apenas por um minuto para olhar o prato. Era um grande prato de macarrão a bolonhesa, cheirando desesperadamente bem. Olhei de volta para ele, sorrindo também. Senhoras e senhores, Bruno estava comprando minha afeição com comida. Que é a melhor estratégia para comprar minha afeição.

— Está muito cheio lá, vim agilizar sua vida — ele disse, sentando-se ao meu lado, na cadeira antes ocupada pela garota do casal. Eles provavelmente ainda iam demorar para voltar, devido a grande fila que se formava no buffet. — Sinto muito não podermos sentar juntos, tudo ficou meio confuso na organiza...

Bruno foi interrompido por Eduardo, que se levantou da mesa abruptamente, batendo com o joelho no tampo e fazendo todos os talheres sacudirem, bem como meu prato dar um pequeno pulo. Por sorte, minha comida permaneceu intacta, ou eu iria ser obrigada a matá-lo. Ele nem olhou para trás. Simplesmente continuou andando para longe.

— O que aconteceu? — Bruno perguntou, acompanhando-o com o olhar.

— Não faço nem ideia. Ele é sua responsabilidade, não minha — brinquei com o discurso do senhor da recepção, fundador do acampamento.

— Prefiro que  *você*  seja minha responsabilidade.

Lila escolheu  *esse*  momento, dentre todos os possíveis, para reaparecer, carregando três copos empilhados estranhamente.

— Dividi as filas com Gustavo. Ele ainda está na fila da comida, mas eu já resolvi a bebida — disse ela, rapidamente, colocando os copos em cima da mesa sem levantar o olhar. — Trouxe fanta uva pra você, já que a fila do guaraná estava muito grande e... Ué?

— Ela finalmente reparou no meu prato. — Como você arrumou isso?

Quando olhei para o lado, Bruno já tinha sumido.

ACAMPAMENTO DE INVERNO PARA MÚSICOS (NEM TÃO)  
TALENTOSOS – CLARA SAVELLI

FICOU CURIOSO PARA SABER O QUE ACONTECE? CORRA NO WATTPAD E  
LEIA A HISTÓRIA COMPLETA!

MAIS INFORMAÇÕES EM: [WWW.CLARAVELLI.COM](http://WWW.CLARAVELLI.COM)